

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
EM PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

Simone Marta dos Santos Soares

ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA
COMENTADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL
PARA O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA.

BELO HORIZONTE 2016

Simone Marta dos Santos Soares

**ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA
COMENTADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL
PARA O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Jerry Adriani da Silva

Simone Marta dos Santos Soares

**ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA
COMENTADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL
PARA O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Jerry Adriani da Silva

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus que sempre proporcionou grandes oportunidades em minha vida.

Tais oportunidades não seriam desenvolvidas, sem a presença expressiva dos familiares e amigos.

Agradeço à equipe do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR) pelos conhecimentos, generosidade, paciência e sabedoria dedicados a mim e ao meu trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam em uma educação de qualidade, sem distinção de nenhuma natureza, a fim de construirmos, desta maneira, uma nação mais humana e solidária.

RESUMO

Esta análise pedagógica tem como foco o desafio de educar para as relações étnico-raciais, trazendo para dentro da escola a temática do racismo, do preconceito e discriminação racial, de modo a provocar importantes discussões sobre o tema, como também incentivando práticas pedagógicas que promovam o respeito à diversidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira. A aprovação da Lei 10.639/2003 outorga a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, além disso demanda repensar as ações pedagógicas no espaço escolar e no currículo. Essa Lei combate as sub-representações e os estereótipos vividos pela população negra ao longo da história brasileira. Sua efetivação na sala de aula exige formar um novo perfil de docentes e discentes a fim de que, no processo de reflexão sobre o “eu” e o “outro”, eles se apropriem de conhecimentos necessários para questionar a pedagogia excludente que ainda existe nas escolas. A presente proposta pedagógica propõe o cinema comentado como fonte de análise e pesquisa na perspectiva dos estudos culturais dos docentes e discentes, voltado para o ensino de história, cultura afro-brasileira e africana na educação escolar, no qual compreende-se a importância de discutir os processos de construção de uma identidade negra positiva. Com o intuito de verificar como a representação do “eu” e do “outro”, nesse caso o negro, se manifestam no ambiente escolar, realizamos uma análise dialogando com o filme “Vista a minha pele”.

Palavras-chave: Educação escolar, prática pedagógica, relações etnicorraciais e cinema comentado.

RESUME

This pedagogical analysis focuses on the challenge of educating for ethnic-racial relations, bringing into the school the subject of racism, prejudice and racial discrimination, to cause important discussions on the topic, as well as encouraging teaching practices that promote respect for ethnic, racial and cultural diversity of Brazilian society. The approval of Law 10.639 / 2003 granting the compulsory teaching of history and african-Brazilian culture and African in basic education also demand to rethink the educational activities within the school and the curriculum. This law fights sub-representations and stereotypes experienced by the black population throughout Brazilian history. Its effectiveness in the classroom requires forming a new profile of teachers and students so that, in the reflection process on the "I" and the "other", they take ownership of knowledge to question the exclusionary pedagogy that still exists in schools. This pedagogical proposal proposes cinema commented as a source of analysis and research from the perspective of cultural studies teachers and students for teaching history, african-Brazilian culture and African in school education, in which we understand the importance of discussing the construction process in a positive black identity. In order to verify how the representation of the "I" and the "other", in this case black, manifest themselves in the school environment, we performed an analysis in dialogue with the film "View my skin."

Keywords: school education, teaching practice, ethnicracial relations and commented cinema.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MEMÓRIAL.....	10
2.1 MEMÓRIAS DE UMA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM SUA CAMINHADA CONSTANTE NA BUSCA DO CONHECIMENTO.....	10
2.2 INTRODUÇÃO.....	10
2.3 VIDA ESTUDANTIL:O INÍCIO DA TRAJETÓRIA.....	11
2.4 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: EM BUSCA DE UMA REALIZAÇÃO...21	
2.5 FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA CAMINHADA CONSTANTE.....	24
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
3. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	29
3.1 A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO TEÓRICO E AS QUESTÕES DA VIDA REAL.....	30
3.2 CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	31
4. ANÁLISE E REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	34
4.1 ENSINAR ATRAVÉS DA ESTRATÉGIA DE INVERSÃO E DO CONTRASTE BINÁRIO (NEGROS X BRANCOS).....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a população negra constituir grande parte da sociedade brasileira, somente a partir da Lei nº 10.639 de 2003¹ tornou-se obrigatório o ensino da História da África e dos afro-brasileiros no Ensino Fundamental e Médio. Com essa medida algumas escolas ampliaram a reflexão e discussão sobre o papel e a posição do negro em nossa sociedade.

Sabe-se que é necessário conscientizar os docentes acerca das práticas e representações que configuram o racismo, apresentando aos alunos a verdadeira história e tradição do povo negro no Brasil de maneira íntegra, sem estereótipos que distorcem e não retratam fielmente a trajetória dos descendentes afro-brasileiros, sem mensagens subliminares que consolidam uma sociedade racista e excludente.

Ao elaborar o projeto sobre “eu” e o “outro” optei por atividades que possibilitem aproximar nossos alunos da riqueza cultural afro-brasileira, aprofundando o estudo das fortes raízes culturais africanas, visando elevar a autoestima do aluno negro, sua percepção e atuação sobre si mesmo e seu lugar no mundo.

Para tal, é fundamental divulgar a real história da população negra, não apenas as questões de escravidão, miséria e sofrimento, mas proporcionando situações didáticas centradas em dinâmicas, vivências, ações e reflexões, no estímulo à criticidade e na resolução de problemas que possibilitem a reflexão de forma ética.

O projeto também visa instituir na prática educativa e pedagógica uma relação entre conhecimento teórico e questões da vida real, tendo como prioridade uma aprendizagem significativa, capaz de promover a real transformação social.

Diante desse contexto histórico, essa análise aborda questões das relações étnico-raciais e a discussões sobre prática do racismo, do preconceito e da discriminação no âmbito de toda sociedade contemporânea brasileira. Trataremos da manifestação do racismo no ambiente escolar com o objetivo de por em prática o que foi proposto e determinado pela Lei, envolvendo professores e alunos em debates e reflexões críticas sobre a necessidade de

¹Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira.

assumir o compromisso com mudanças de atitudes, para que a escola desempenhe o papel de educar para o respeito à diversidade racial, combatendo e desnaturalizando idéias, valores e estereótipos que inferiorizam o povo negro, de modo que seja possível construir uma identidade positiva e afirmativa da dignidade da população negra.

2. MEMORIAL

2.1 MEMÓRIAS DE UMA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM SUA CAMINHADA CONSTANTE NA BUSCA DO CONHECIMENTO.

Este memorial aborda pontos relevantes da trajetória de minha vida estudantil, profissional e acadêmica, com o objetivo de buscar compreender o presente, a partir da análise das experiências pessoais e profissionais, desde a infância. O texto busca analisar o processo de construção de minha formação, bem como as transformações e redimensionamentos de minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias a que tive acesso e de reflexões sobre concepções educacionais.

“[...] acredito que é pelo presente que se explica o passado [...]”

Magda Soares

A epígrafe que abre este memorial revela o teor do texto que se constrói. A afirmação da autora é fundamental, pois ajuda a compreendermos nossas ações atuais a partir do entendimento das memórias de nosso passado. Esse processo é dialético. Quanto mais compreendermos o presente, mais compreenderemos a importância do passado em nossa história, na perspectiva da construção de um presente cada vez melhor.

2.2 INTRODUÇÃO

Escrever este memorial é um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado para compreender melhor o presente. Ao longo da trajetória a ser descrita e analisada, farei paralelos com minha atuação profissional na educação pública de Contagem, onde leciono há 16 anos. Buscarei trazer referências de alguns autores que ajudam a compreender os processos vivenciados e contribuem com análises sobre a educação brasileira.

Início trazendo dados de minha vida pessoal. Nasci na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1969. Venho de família muito humilde: minha mãe cursou até o terceiro ano do Ensino Fundamental e meu pai era analfabeto funcional. O Instituto Ethos (2007, p.37) alerta:

O conceito de analfabetismo mudou nos últimos anos. Em 1958, a UNESCO definia como analfabeto um indivíduo que não consegue ler ou escrever algo simples. Vinte anos depois, adotou o conceito de analfabeto funcional: uma pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente.

Os relatos de meus pais revelam a falta de oportunidade para estudar, devido ao trabalho árduo na zona rural e mudanças constantes de suas famílias de uma cidade para outra. Mais diante do que viveram tiveram o cuidado de matricular os cinco filhos na escola pública.

Proponho neste memorial compartilhar experiências escolares que marcaram minha vida, as dificuldades, frustrações e alegrias que me guiaram entre o sonho e a realidade de me tornar professora. Busco focalizar a influência do meio e dos profissionais da educação na construção da minha identidade profissional. Estabeleço relações entre as fases mais marcantes da minha vida: primeiros anos escolares, o curso do magistério, experiência profissional, formação acadêmica e especializações. Em cada fase, busco relacionar a prática com a teoria permeada pelos conflitos e inquietações vividas por mim. Dou ênfase à maneira como fui alfabetizada, como foi desenvolvido esse trabalho com aluna e quais as interferências que influenciaram a minha prática profissional. Escrever este memorial significou trazer para o tempo presente momentos vivenciados em diferentes situações nas diversas etapas da minha vida.

No decorrer desta narrativa, pretendo contextualizá-la com as teorias estudadas durante o meu processo de formação profissional e acadêmica. E essa presente especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola na Promoção da Igualdade Racial vem consolidar sua implantação nos aspectos das ações afirmativas mostrando as desigualdades e suas efetivações de direitos. É uma tentativa de garantir a todos os segmentos, uma participação e usufruto dos bens, riquezas e oportunidades, o direito à cidadania, cultura, educação, trabalho digno e participação das políticas públicas de caráter social. Então esse memorial resulta de uma análise da minha trajetória educativa e de uma revisão das obras estudadas ao longo da minha vida acadêmica. Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar os conhecimentos pessoais.

2.3 VIDA ESTUDANTIL: O INÍCIO DA TRAJETÓRIA

Minha trajetória estudantil teve início no ano de 1973, aos quatro anos de idade, no jardim de infância “Casinha Feliz”, situado no bairro Tirol, no município de Contagem. Esse jardim de infância fazia parte de um programa nacional de caráter assistencialista implantado pela Legião Brasileira de Assistência Social (LBA), direcionado, especificamente, para crianças de até seis anos de idade, tendo a finalidade de beneficiar o desenvolvimento biopsicossocial, proporcionando uma visão integral do ser, que compreende, basicamente, os aspectos físico, psicológico e social.

Tenho muitas lembranças dessa fase da minha vida: recordo-me da minha primeira professora, Maria Luísa, uma pessoa muito amável, meiga e paciente conosco, tinha grande afeto por ela. Recordo que minha sala de aula ficava em um galpão de madeira muito arejado, onde cantávamos muitas músicas infantis e várias brincadeiras de roda. Nossas atividades eram bem divertidas.

Um aspecto a ser questionado era a prática de trazer desenhos mimeografados para pintarmos e também para colorirmos com giz de cera. Lembro-me que a professora não incentivava os alunos a construírem seus próprios desenhos, deixando assim de estimular o processo criador e o fazer artístico das crianças. Limitávamos a colorir os desenhos que já vinham prontos. Sobre isso, o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 93) nos diz que:

Enquanto desenham ou criam objetos, as crianças também brincam de “faz de conta” e valorizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de pensar e sentir o mundo sobre o qual estão inseridas. A criança cria, recria individualmente formas expressivas interagindo percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que poderão então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

É necessário deixar que a criança desenvolva seu lado artístico, pois ela, por natureza, é criativa e curiosa. A possibilidade de criação permite o prazer na aprendizagem. Com relação às propostas oferecidas pela professora, as técnicas utilizadas para trabalhar a coordenação motora e a escrita não se diferem muito das técnicas utilizadas atualmente em algumas instituições de ensino, nas quais a prática comum é ligar pontinhos para formar as letras e os números, como também relacionar gravuras com as letras iniciais das palavras.

No segundo período, a professora começou a incentivar os alunos a criarem seus próprios desenhos. O processo de ensino e aprendizagem precisa acontecer em um ambiente onde as atividades propostas tenham significado para os que estão aprendendo. Lembro que havia um grupo de teatro no bairro onde morava que sempre ia à escola fazer apresentações de algumas peças teatrais. Um dia esse grupo apresentou uma peça do programa “Vila Sésamo”, do qual havia o personagem Garibaldo.²Eu fiquei encantada com a apresentação. Ao lembrar esses momentos tão prazerosos, sinto muita saudade daquele tempo. Essa etapa de minha vida eu considero importantíssima, porque foi a base de toda minha aprendizagem. Vejamos o que nos diz Assman (1998, p. 29):

O ambiente pedagógico tem de ser um lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para o processo de criatividade, respeito mútuo, que trabalhe a autoestima e o prazer de estar adquirindo novos conhecimentos.

A sala de aula na qual estudei o segundo período da Educação Infantil era ampla, tinha decorações expostas com vários desenhos nas paredes e os únicos mobiliários que existiam eram a mesa da professora, as carteiras e as cadeiras. Sentávamos em dupla. Recordo-me dos murais que destacavam nossa rotina e nossas produções, e também existia um espaço destinado às brincadeiras ou brinquedos disponíveis para brincar. De acordo com Cruz e Fontana (1997, p.118):

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa, na escola. Pela brincadeira e pelo desenho ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações sociais em que a criança está emersa são elaboradas, revividas, compreendidas.

Hoje, compreendo que, brincando, a criança se torna mais operativa, se envolve e sente necessidade de socialização, possibilitando desenvolver capacidades tais como atenção, afetividade, socialização, concentração e outras habilidades fundamentais para a construção de sua identidade e autonomia.

Relembrar dos momentos da Educação Infantil levou-me a pensar como é importante que esta etapa do ensino proporcione às crianças diversas maneiras de brincar, de modo que elas

² Vila Sésamo é uma série da televisão brasileira, baseada no programa infantil norte-americano *Sesame Street* (criado pela *Children's Television Workshop de Nova York*). A série infantil começou a ser transmitida em 12/10/1972. Havia um personagem, o Garibaldo, um pássaro gigante bastante levado e desengonçado, que adorava aprender coisas novas.

adquiram novas aprendizagens, favorecendo a autoestima e auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa.

Evidentemente que não me recordo de vários momentos do meu passado, porém ao ouvir alguns relatos de professores durante os encontros de formação, pouco a pouco começa a surgir em minha mente muito do que já vivi. Para Costa e Gonçalves (2006, p. 3):

Resgatar histórias de vida permite vãos bem amplos, [...] Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados como pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de luta de acatamento, de resistência, de resignação e criação.

Em 1976, com sete anos, fui para a Escola Municipal Maria Aparecida, da Rede Municipal de Contagem, onde se deu a continuidade do processo de alfabetização. Nesta escola, iniciei minhas primeiras aprendizagens de leitura e de escrita, a partir de um método sintético, que consiste na apresentação de letras, sílabas e formação de frases. Esse processo se realizou de uma maneira “mecânica” fazendo com que nós, alunos, identificássemos imagens e relacionássemos cada uma ao som das letras. Quando todos esses códigos (letras) eram memorizados, deveríamos formar palavras e lê-las. Estávamos, assim, segundo esse método, alfabetizados. Esse método foi utilizado por muito tempo nas escolas. Conforme Borges (1998, p. 56),

O método sintético consiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia. Nesse sentido, todos os procedimentos metodológicos a ele ligados, quer partam da letra, do fonema ou sílaba, apresentam a aprendizagem inicial da leitura como algo mecânico. Trata-se, portanto, da aquisição técnica para decifrar o escrito em sons.

Segundo a tendência pedagógica tradicional, o aluno era um mero receptor de informações, um ser passivo. Devido a sua imaturidade e inexperiência, o seu pensamento era desprezado em sala de aula, desvalorizando seu senso crítico. Acredito que esse tipo de educação tolhe o prazer de aprender. Para Zabala (1998, p. 89, grifo nosso),

A perspectiva ‘tradicional’ atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

Eu era uma criança muito tímida. Muitas vezes ficava com dúvidas durante a aula, mas não tinha coragem de perguntar, por medo de ser repreendida pela professora. Fui superando esses obstáculos e sendo promovida a cada ano, pois mesmo com pouca experiência de vida, comecei a perceber que para adquirir conhecimentos dependia muito dos meus esforços e objetivos, principalmente diante dos desafios que os saberes escolares me proporcionavam, e já entendia que para ter uma profissão teria que estudar muito.

Nos anos seguintes, os professores também adotavam a pedagogia tradicional, sendo fundamental em suas aulas a exposição oral de conteúdos, a ordem e o silêncio. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo numa sequência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetitivos para garantir a memorização dos conteúdos. (BRASIL, 1997, v. 1, p. 39).

Pelo que me recordo, as atitudes adotadas pelos professores daquela época seguiam exatamente o que é relatado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. A metodologia de ensino baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, como decorar a tabuada. Acreditava-se que por meio da prática da repetição os discentes aprenderiam mais facilmente. Penso que a prática da repetição não contribui muito com a aprendizagem das crianças, pois se elas aprendem pensando, brincando, é possível assimilar o conteúdo de forma lúdica e significativa. Nas aulas de Matemática, por exemplo, o lúdico pode ser bem utilizado. Como diz Smole, Diniz e Cândido (2007, p. 11):

O trabalho com jogos nas aulas de matemática, quando bem planejado e elaborado, auxilia o desenvolvimento de habilidades como observação, análise, levantamento de hipótese, busca de suposições, reflexão, tomada de decisão, argumentação e organização, que estão estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico.

Recordo que minhas aulas de Matemática eram ministradas com a explicação da professora e exercícios em folhas mimeografadas. Quase não havia material concreto como jogos para as aulas. Eu utilizava muito os dedos das minhas mãos para resolver algumas questões e apresentava muita dificuldade em algumas atividades. Acredito que nenhuma disciplina torna-se difícil se for trabalhada com estratégias que levem o aluno a aprender de maneira lúdica, em especial nas séries iniciais do Ensino Fundamental, porque, nessa fase, a criança tem curiosidade e prazer em aprender. Nas aulas de Matemática, na qual alguns alunos sentem

dificuldade para assimilar certos conteúdos, o lúdico pode ser uma ferramenta importante para o professor. De acordo com Borin (1996, p. 9):

Uma das razões para a utilização dos jogos na sala de aula é possibilitar diminuir bloqueios apresentados por muitos alunos que têm receio da matemática e se sentem incapacitados para aprendê-la.

Dentro da situação do jogo é impossível atitudes de passividade, pois a motivação é grande e torna possível perceber que, ao mesmo tempo em que os alunos brincam, apresentam também um melhor desempenho e atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem.

Na época a que me refiro, do meu tempo de escola, as disciplinas que formavam o currículo eram cinco: Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Programas de Saúde. Em Comunicação e Expressão, as aulas eram destinadas à leitura de pequenos textos, à prática do ditado de palavras e à cópia. Não havia a preocupação em desenvolver atividades de produção de textos para que as crianças ampliassem sua criatividade. O que seria importante, pois, quando os textos são espontâneos, as crianças escrevem com mais interesse, sendo produção própria e não cópia. Lembro-me de que, em Matemática, sempre era cobrado decorar a tabuada, como também a efetuação das quatro operações fundamentais e a resolução de problemas.

As disciplinas de Estudos Sociais e Ciências eram as disciplinas com as quais eu mais me identificava, porque falavam sobre a vida, a natureza e os animais. Enfim, tinham mais relação com o meu cotidiano. Sobre o estudo de Ciências Naturais, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam:

[...] a ciência como um conhecimento na compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo, é a meta que se propõe para o ensino fundamental (BRASIL, 2001, v. 4, p. 23).

Destaco que nas aulas de Ciências, a professora tentava levar o aluno a compreender o mundo em que vive. Para isso, utilizava muitas experiências concretas do cotidiano dos alunos, tendo em vista que o trabalho iria agradar a turma, além de facilitar a compreensão do tema abordado.

A disciplina de Estudos Sociais, pelo que me recordo, não apresentava nenhum atrativo maior. Os recursos utilizados pelos professores eram baseados no ensino tradicional. Os exercícios e a avaliação baseavam-se em questionários, nos quais o aluno deveria decorar e responder de acordo com as ideias apresentadas pelo professor durante as explicações da aula.

Um acontecimento marcante proporcionado pela escola foi a excursão que a minha turma da terceira série fez ao Presépio do Pípiripau. Lembro-me que essa experiência foi gratificante. Fiquei maravilhada quando entrei e vi a beleza e o sincronismo de todos os bonecos e objetos envolvidos nos mostrando o nascimento do Menino Jesus. Recordo-me que fiquei emocionada com aquela grandeza de gestos e ações. Eu não conseguia me concentrar em outra coisa e passei muitos dias assim, me lembrando daquele passeio. Foi uma das melhores experiências que já tive na escola, pois meus pais não tinham condições financeiras de me levar lá e a escola me deu essa oportunidade. Ao relatar essa experiência, penso na importância dessas excursões para muitas crianças que não têm a oportunidade de conhecer os espaços culturais da cidade.

Outra atividade que me marcou nesse período foi a confecção de um porta-lápis de crochê, que foi construído sob a orientação da professora. Lembro-me que fiquei muito feliz quando vi minha primeira produção artística. Quando cheguei a minha casa, fui logo mostrar para minha mãe, toda orgulhosa, o porta-lápis que construí. Quando o aluno participa das atividades propostas e percebe suas potencialidades e capacidade de produção, sente-se capaz de superar outras dificuldades que irão surgir durante as aulas e na vida. Essa atividade foi muito significativa e importante para mim, pois nunca me esqueci de como se confecciona um porta-lápis e nem da professora que me ensinou a confeccioná-lo.

Na terceira série, lembro que já manifestava em mim o desejo de ser professora e para direcionar ainda mais esse desejo meu pai me pediu para ensiná-lo a escrever seu nome, justificando que era para tirar seu título de eleitor, pois queria votar. Foi assim que descobri que meu pai era analfabeto. Fiquei satisfeita com a responsabilidade de ensinar meu pai a escrever seu nome.

Além de estudar, em casa era necessário ajudar minha mãe nas atividades domésticas, pois era a filha mais velha de um total de quatro filhos. Quando sobrava um tempo, gostava de brincar

com minhas primas de escolinha, pegava uma tábua velha e alguns gizes que pedia a professora, e tudo o que a professora fazia na sala de aula, eu representava em minhas brincadeiras. Inclusive o conteúdo que tinha aprendido naquele dia. Para mim, era uma maneira de revisar o que havia estudado. Quando terminei a quarta série, minha família mudou para o bairro Pedra Azul, próximo ao zoológico. Nesse período, fiquei sem estudar por três anos, pois a escola que havia nesse bairro só oferecia o ensino até a quarta série do Ensino Fundamental.

Em 1984, foi inaugurada no bairro a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves. Iniciei, então, a 5ª série, com treze anos. Voltar a estudar me proporcionava grande alegria. A expectativa de uma nova escola me enchia de esperança: ficava imaginando como seria novamente o meu primeiro dia de aula, as novas amizades que surgiriam e os professores. No primeiro dia de aula, fui à escola com algumas colegas que moravam próximo à minha residência. Voltar à escola me deixou muito feliz. Estava me sentindo mais autônoma e responsável.

Outro fato inovador para mim foi a quantidade de professores, pois na Educação Infantil e de primeira à quarta série era apenas um docente para trabalhar todas as disciplinas. A partir daquele momento, passaria a ter nove disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Artes, Ensino Religioso, Educação Física e Inglês. A escola era maior, inclusive com grande número de alunos e turmas. Gostei muito do espaço físico da escola e também dos professores. Hoje percebo que aquela foi uma das melhores escolas em que estudei. Diante dessa trajetória tão significativa para mim, reporto-me a Andrade (1999, p.3): “trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê”.

Quando estudava, as aulas de Português priorizavam o uso da gramática normativa. A prática da leitura e da escrita acontecia por meio de exercícios de repetição e reprodução de cópias de textos e leituras no livro didático. O ditado era muito utilizado. Havia poucas iniciativas de incentivar o aluno a criar seus textos, expressando seu próprio pensamento, por meio da escrita. Recordo-me que, logo no primeiro dia de aula, no ano de 1985, quando eu frequentava a sexta série, foi feito o pedido de uma redação sobre o que o aluno esperava daquele ano ou que escrevesse sobre as férias. Eu gostei de escrever sobre as expectativas que tinha a respeito

daquele ano. Hoje destaco a diversidade de atividades que temos para estimular os alunos no universo da leitura e escrita, partindo do principal objetivo do ensino da Língua Portuguesa que é de formar cidadãos capazes de utilizar com eficiência a leitura e a escrita da língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, v. 2, p. 30) destacam:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento de capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos e lidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância que respondem a exigências práticas da vida diária, são o que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de pensamento mais elaborado e abstrato, os mais vitais da plena participação numa sociedade letrada.

Percebe-se uma mudança de paradigma, no ensino de Língua Portuguesa. Atualmente, não basta apenas decodificar o código escrito. O indivíduo precisa estar inserido ativamente em um processo de letramento, que se estende por toda vida. O objetivo é ter domínio e colocar em prática o que se aprende na escola, oferecendo assim maior possibilidade de participação nas práticas sociais. A partir de 1986, estudos direcionam para o conceito de letramento.

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, ou seja, é o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p. 72).

Na disciplina de Matemática, tínhamos de estudar os conteúdos que o professor passava para obtermos a nota para passar de ano. Vale ressaltar que eu tinha muitas dificuldades nessa disciplina e na compreensão dos assuntos, por isso minha nota era sempre na média.

Recordo-me com saudade das feiras de cultura científicas onde as disciplinas de Ciências, História e Geografia trabalhavam em conjunto vários conteúdos durante o primeiro semestre, e a culminância dos trabalhos acontecia no segundo semestre. Era um momento muito especial oferecido pela escola, no qual os alunos podiam mostrar seus talentos, através de algumas atividades produzidas por eles. Por meio de maquetes e de demonstrações de experiências, conseguíamos vivenciar e adquirir novos conhecimentos, além da oportunidade de melhorarmos as notas pelos trabalhos apresentados em grupo. Era uma semana de muito trabalho na escola. Eu gostava muito de participar, observando os trabalhos dos colegas.

Alunos de outras escolas também iam prestigiar os nossos trabalhos. Eu ficava muito satisfeita com a realização desses trabalhos.

Essa volta à escola em que estudei as séries finais do Ensino Fundamental, me fez recordar a disciplina de Inglês. Os conteúdos abordados eram: o verbo *be*, as cores e os números, entre outros que não me vêm à memória no momento. A professora explicava os conteúdos quantas vezes fossem necessárias. E, conforme ela ia explicando o assunto e pronunciando algumas palavras, nós repetíamos em voz alta. O ato de repetir estava muito presente.

Quanto à disciplina de Educação Física, eu gostava, pois só fazia atividades físicas na escola. Em todas as aulas, praticávamos os exercícios de polichinelo, abdominais, corrida ao redor da quadra de esportes. Não tínhamos noção do conteúdo que estava sendo ministrado, não sabíamos o porquê de todo aquele esforço físico. Hoje, percebo que os professores dessa disciplina têm se preocupado não só com o aspecto físico, mas também com uma educação física que trabalhe o corpo inteiro, ou seja, que vê o aluno na sua totalidade. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394, de Dezembro de 1996, delineiam-se novas perspectivas para a Educação Física que, em seu artigo 26, apresenta o seguinte:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Atualmente, muitas mudanças ocorreram em relação a essa disciplina. Percebo que os professores estão mais capacitados para atuar de forma significativa, pois tenho observado algumas aulas no campo de estágio e vejo que os professores têm feito um ótimo trabalho com alunos de várias faixas etárias.

No que diz respeito à avaliação, o aluno, no tempo em que eu estudava, aprendia que havia apenas uma resposta correta para a pergunta feita e os resultados dos testes eram usados apenas como índice de aprendizado individual. Para Alves (2000, p. 29),

Claro que há respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar ao aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas [...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas.

Em período de provas e testes, eu pegava meu caderno e estudava até conseguir decorar o conteúdo. Esforçava-me muito, temendo errar e obter notas baixas, pois sabia que era capaz de tirar notas satisfatórias. Na medida do possível, procurava ter um bom comportamento. Estudava-se para fazer provas, diferentemente do que acontece atualmente, pois a avaliação é contínua e o aluno é avaliado em todos os momentos do ano letivo e em vários aspectos, daí o termo utilizado atualmente: “avaliação processual”. Atualmente, não é apenas o conteúdo que é observado.

2.4 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: EM BUSCA DE UMA REALIZAÇÃO

Em 1988, não continuei meus estudos e muitas mudanças aconteceram em minha vida. Comecei a namorar muito nova, com dezoito anos e após cinco anos de namoro, eu e meu noivo resolvemos nos casar. Com dois anos de casada nasce nossa primeira filha, e ser mãe por vinte e quatro horas foi prioridade por dois anos. Vivi intensamente esses anos com minha filha. No ano de 1991, voltei a estudar na Escola Municipal Francisco Brant, em Belo Horizonte, pois onde morava não havia escola de Ensino Médio. Fiz minha matrícula no curso técnico de Magistério. Voltei com meu projeto de ser professora. No início, tínhamos aulas expositivas, dialogadas, trabalhos em grupos, provas, e notas. O curso técnico em Magistério me proporcionou muitas oportunidades e descobertas, que contribuíram para meu processo de formação acadêmica.

Olhando para o passado, também me lembro das dificuldades. Aprendi a compreender melhor a prática educativa, a entender como elaborar um planejamento e organizar o espaço educativo. Tive ótimos professores que foram de grande importância para a minha formação, pois me ajudaram a superar vários obstáculos. Em especial, a professora Soraia e a professora Sebastiana, que sempre nos traziam palavras de incentivo, para que continuássemos a carreira do magistério. Eram defensoras da escola pública e do ensino de qualidade. Por diversas vezes tive que levar minha filha à escola, porque não tinha com quem deixá-la. Sempre serei muito grata a todos os professores que entenderam as condições reais de minha vida naquele momento. O professor precisa ser atento às demandas dos aprendizes. O exercício da docência envolve uma série de ações e atitudes que ultrapassam o ato de ensinar.

A tarefa de ensinar envolve também o ato de pesquisar. Paulo Freire (1996, p. 32) afirma que não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Esse pesquisar é buscar compreender criticamente o que só ocorrerá se o professor souber pensar. Para o autor, saber pensar é duvidar de suas próprias certezas e questionar suas verdades. Se o docente fizer isso, terá facilidade de desenvolver em seus alunos o mesmo espírito.

Ao chegar ao final do curso de Magistério, senti grande ansiedade por tudo que havia de ser feito. Estávamos nos preparando para o estágio que foi realizado no ano de 1994 na Escola Estadual Padre Eustáquio, localizada no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte. A primeira etapa do estágio foi apenas para investigar o ambiente escolar, a rotina, o relacionamento entre professor e aluno e também a socialização da turma. Na segunda etapa do estágio, realizamos a observação e a regência. O que também foi uma experiência nova e muito enriquecedora para mim, visto que nunca tinha estado em uma sala de Ensino Fundamental como professora. No início, confesso que fiquei muito insegura, porque a presença da professora referência da turma me deixava muito nervosa, mas ela fazia observações que me tranquilizavam e me faziam vencer os desafios. O estágio foi concluído com qualidade e consegui alcançar meus objetivos. Rogers (1970, p. 191) afirma que “O homem é um ser que vive, pois ele experiencia, sente, avalia, escolhe, acredita e atua não como um ser autômato, mas como pessoa”.

Após me formar no Magistério, iniciei a busca de um emprego na área da educação. Em 1995, foi anunciada pela Igreja Católica a abertura de um Projeto para a educação infantil no Programa Brasil Alfabetizado, promovido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Contagem. No local de divulgação do Projeto, informaram o dia da entrevista para a contratação de três professoras, sendo essas para o 1º, 2º e 3º período, respectivamente. Participei da entrevista com mais sete professoras e fui uma das selecionadas. Ofereceram-me a turma do 1º período. Inicialmente, as aulas aconteciam em um local cedido pela prefeitura de Contagem. Ganhava apenas uma bolsa de gratificação. Apesar do salário não ser o que eu desejava ganhar, as experiências adquiridas a partir da realização do projeto foram importantes. A relação professor-aluno eram saudáveis e cheia de descobertas.

No ano de 1996, fui convidada a trabalhar em uma escola particular “Estrelinha Azul”, numa turma de 3º período. Iniciei o ano buscando considerar os conhecimentos prévios dos alunos,

porque sabia que, ao chegar à escola, eles trazem algumas noções de letramento, já que estão inseridos em um mundo em que a cultura escrita está fortemente presente.

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania (SOARES, 2004, p.74).

Além de aprender a ler e a escrever, é preciso que o aluno seja um leitor crítico e um produtor de textos capaz de assumir seus próprios pontos de vista e argumentar para defendê-los, participando ativamente dos processos sociais como cidadão crítico e reflexivo.

De 1997 até 2004, fui trabalhar para o Estado de Minas Gerais no Ensino Especial, participando de designações, trabalhando como professora contratada. A partir dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Magistério e a experiência que possuía antes de ir trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais, acreditei que era possível trabalhar com esses aprendizes, mas sabia que tinha muito a aprender sobre as várias formas que as linguagens das crianças deficientes podem se manifestar. Assumi a postura da observação, de não fazer pré-julgamentos, de não trabalhar em cima das limitações e sim de proporcionar condições para que os alunos possam desenvolver e usar seus potenciais.

Eu trabalhava com materiais adaptados e com metodologias diferenciadas. Tudo era um desafio para mim. Trabalhei por três anos com alunos com deficiências múltiplas buscando conhecimento em vários cursos voltados para o ensino especial, pois era meu desafio diário. Em seguida, trabalhei por quatro anos com alunos surdos e aprendi a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Meu aprendizado em LIBRAS iniciou-se primeiramente na associação dos surdos, depois com os próprios alunos na Escola Estadual Francisco Sales, no Barro Preto, em Belo Horizonte. Destaco que é enriquecedor tanto do ponto de vista profissional, como do ponto de vista humano trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais. Santos (1997, p. 30) destaca:

O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.

Rememorar esses momentos de minha vida fez-me pensar em muitas coisas. Uma delas é que, atualmente, refletindo sobre minha trajetória, me considero uma mulher realizada porque, em meio a momentos difíceis da vida, consegui concluir e obter o título de profissional da educação, com experiências em diferentes modalidades de ensino.

2.5 FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA CAMINHADA CONSTANTE

No ano de 2001, fiz minha inscrição no curso Normal Superior na PUC MINAS. O Curso Normal Superior tem como objetivo formar profissionais para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Destina-se também à qualificação científica, pedagógica e cultural do professor objetivando a ampliação, o fortalecimento e aprimoramento de suas competências intelectuais e profissionais, numa perspectiva humanística, de modo que seja capaz de assumir, enquanto cidadão e educador, uma participação consciente, ativa e construtiva nos processos educativos e sociais visando o exercício pleno da cidadania.

As minhas aulas tiveram início no dia 02 de fevereiro de 2001. No primeiro dia, fomos bem acolhidos pela equipe pedagógica da PUC MINAS e refletimos sobre o tema: Você tem experiência? O exercício reflexivo nos ajudou a perceber como todos nós tínhamos experiências adquiridas ao longo da vida, saberes que foram essenciais para nossa sobrevivência na sociedade.

O fato de estar cursando o nível superior fez aumentar a minha autoestima e me sentir iniciando uma nova etapa de ensino. Em outros tempos, achava que esse dia não chegaria por não ter condições financeiras de pagar uma universidade.

Diante do universo acadêmico, surpreendi-me com a metodologia adotada pelos professores, que não se restringia apenas ao ensino e à informação, mas também envolvia propostas de nossa participação em todo o processo. Todos os docentes apresentavam uma ótima relação com os discentes, tendo em vista a interação que se estabelecia em todas as aulas ministradas, favorecendo assim a construção de novos saberes. Foram utilizadas diversas estratégias, entre elas: seminários dirigidos, palestras, oficinas, aulas de campo, entre outras. As propostas de aprendizagem proporcionadas pelo curso foram muito significativas e, aos poucos, consegui superar algumas dificuldades, tais como a timidez no momento dos seminários apresentados,

nas discussões e na compreensão dos textos explorados. Esses momentos de estudo e busca de conhecimento me familiarizaram com as novas metodologias de ensino. Percebia, porém, que alguns aspectos do ensino tradicional não poderiam ser desprezados e sim renovados. A partir das trocas de experiências entre docentes da turma, passei a conhecer o trabalho dos colegas e o funcionamento de outras escolas.

As disciplinas que me foram mais significativas no Normal Superior foram: Prática e Pesquisa Pedagógica I e II, Psicologia da Educação I e II, Metodologia do Ensino da Matemática, Educação Especial. O foco dessas disciplinas era compreender as práticas educativas desenvolvidas em diferentes contextos, considerando os diversos componentes que interferem no processo educativo. Aprendemos sobre o Projeto Político- Pedagógico, que organiza todo o ensino de uma determinada escola.

Durante a disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica I e II, estudamos temas bastante interessantes e importantes para o meu crescimento educativo e profissional, dentre os quais destaco a gestão de uma escola reflexiva. Gestores e demais profissionais da educação precisam estar comprometidos com o ensino, sendo capazes de liderar e mobilizar as pessoas, sabendo avaliar e deixando-se avaliar, acreditando que todos e a própria escola se encontram num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Sobre o tema “Projeto Político-Pedagógico” analisado no decorrer do curso, ficou compreendido que o mesmo não deve ser construído sozinho, mas em coletividade, com os professores e gestores, alunos, pais ou responsáveis, representantes da comunidade, funcionários, pessoal administrativo e de apoio. O Projeto Político- Pedagógico não nasce de uma só vez: é um direito e um dever da escola. Um direito porque, por meio dele, a escola consolida sua autonomia e os seus atores podem pensar, executar e avaliar o próprio trabalho. Um dever por se tratar do elemento responsável pela vida da escola em seu tempo institucional. Ele precisa ser um documento dinâmico, democrático, capaz de representar e orientar a vida na escola.

A disciplina Psicologia da Educação I e II proporcionou a compreensão do processo de ensino e de aprendizagem, dando ênfase à importância do perfil do professor progressista e observador, pois sabemos que cada sujeito possui sua individualidade, sua maneira de pensar

e de agir. O docente deve ter o cuidado de observar atentamente o desenvolvimento de seus alunos e levar em consideração que a interação, o contato com o outro e com o meio influi na formação do indivíduo.

No curso Normal Superior, um dos textos que mais me chamou a atenção foi o de Telma Weiz: “Quando corrigir, quando não corrigir.” Compreendi que o professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica. Uma é o planejamento da situação de aprendizagem, para a qual criei condições ideais: oferecer as informações, compartilhar propostas de trabalho de forma que o aluno manifeste o que sabe, arriscando-se, avançando e compreendendo as situações propostas. E a outra ação dando continuidade ao trabalho é a intervenção propriamente dita no processo que está acontecendo, no qual o aluno, os grupos ou a classe está diante de uma situação de desafios onde realizam atividades e o professor participa desenvolvendo várias estratégias de aprendizagens. É importante levantar questões que o ajudem a pensar, porque o objetivo do ensino é propiciar situações para que o aluno aprenda.

Partindo para a metodologia do ensino da Matemática, estudamos sobre os números e as quatro operações básicas, considerando os aspectos históricos do tema, tendo em vista que é interessante analisar a construção e a evolução histórica do sistema de numeração. A concepção que norteava as aulas é a de que o conhecimento matemático é necessário e presente nas diversas situações cotidianas da sociedade.

A partir das análises realizadas ao longo do curso, ampliei os conhecimentos para trabalhar com alunos com algum tipo de deficiência e continuo fazendo minhas pesquisas sobre esse tema atualmente, visto que acompanho uma aluna com deficiências múltiplas no ensino regular.

Analisando todo o curso, posso afirmar que as disciplinas tiveram sua contribuição para melhoria do meu fazer pedagógico. Sempre pensei no meu aluno, em preparar aulas que fossem significativas para sua aprendizagem. Concordo com Freire, afinal

[...] ensinar é participar de várias construções de novos saberes; é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo [...] Educar exige comprometimento (FREIRE, 2003, p. 96).

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei relatar aqui parte da minha trajetória. Sou professora e tenho consciência de que, ao longo desses anos de profissão proporcionei o melhor de tudo que aprendi àqueles que estão sob minha responsabilidade: os alunos. Tenho plena convicção que a prática docente deve estar centrada em possibilitar a construção do saber. Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha a desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Em 2009, fiz uma especialização em alfabetização na Universidade Castelo Branco (UCB) e, em 2011, outra especialização em Psicopedagogia Educacional, na Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM). Tenho buscado ampliar minha formação continuamente, pois sei da sua importância para um profissional da educação.

E em agosto de 2014 inciei outra Especialização UNIAFRO: Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola na Faculdade de Educação FAE na UFMG. Tenho buscado ampliar minha formação continuamente, pois sei da importância da formação para um profissional da educação. Observei que o início desta trajetória tem sido desafiador, pois tive a oportunidade de rever metodologias e pesquisas sobre o assunto.

Destaco que ao longo destes anos como professora da educação básica, tenho desenvolvido projetos relacionados às questões étnico-raciais, já que são reais os “pré-conceitos” “estabelecidos”. Dessa forma, as ações afirmativas nas escolas são necessárias para fortalecer a identidade social de cada sujeito/indivíduo e também a desconstrução de estereótipos nas consciências dos alunos, utilizando práticas pedagógicas que atentem para a realidade marcada por desigualdades e discriminação racial. Ana Célia da Silva, 2015, p.33 destaca:

A desconstrução da ideologia que desumaniza e desqualifica pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico-racial e auto-estima dos afrodescendentes, passo fundamental para a aquisição dos direitos de cidadania.

Tenho certeza de que os desafios enfrentados por mim e relatados neste memorial são significativos e me estimularam a seguir em frente. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado alguns objetivos explícitos neste texto, tenho consciência de que é preciso

prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

3. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para contribuir com os trabalhos propostos para a educação básica e com a promulgação da Lei 10.639/2003, que foi alterada para 11.645/2008 e alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº. 9.394/1996), onde torna obrigatório o Ensino da História da África e dos Afrobrasileiros, organizei o projeto “eu” e o “outro”, Trata-se de uma prática pedagógica dialogada com o Cinema comentado, que visa avançar no ensino da história e cultura afro-brasileira e africana utilizando o filme: Vista a minha pele.

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Glória Marques Diniz em Contagem que atende, atualmente, 1.300 alunos, no Bairro Bom Jesus. Estes são, predominantemente, carentes e vivem em situação de vulnerabilidade social, cujo fenótipo prevalente é o da cor preta ou parda.

A instituição escolar oferece as modalidades de ensino: o ensino fundamental e a EJA (Educação de Jovens e Adultos), que atende nos horários manhã, tarde e noite. Atualmente, possui 20 salas de aula, duas quadras, secretaria, diretoria, biblioteca, cantina, banheiros, e equipamentos tecnológicos como datashow, micros, vídeo e TVs.

Essa ação pedagógica é justificada pela necessidade de aprimorar e oferecer aos professores e alunos habilidades de aplicar em sua vivência conhecimentos aperfeiçoados e adquiridos no ambiente escolar; de perceber a desigualdade social, aprendendo a se posicionar e reconhecer as garantias de direitos humanos como pressuposto de cidadania, incentivando a pesquisa e a produção de trabalhos; fortalecendo a interação entre professores, pais, alunos e comunidade.

O projeto iniciou no mês de agosto de 2015 com a turma do 5º/9 e se finalizou no mesmo mês. Para tornar esses momentos significativos, foram agregados à prática pedagógica, o filme: “Vista Minha Pele” promovendo aos alunos um momento de socialização, de diálogo, de registro de suas experiências, permitindo a ampliação e ressignificação das aprendizagens.

Após assistirmos o filme foram disponibilizados para os alunos materiais impressos com informações relevantes sobre diversidade e desigualdade, respaldados no princípio do conhecimento e compreensão das diferenças historicamente construídas entre os grupos humanos. Através das atitudes de registro, reflexões e questionamentos possibilitou-se o

encontro com o outro, pelo cultivo da tolerância, respeito, capacidade de escuta e negociação, que são os pilares da construção da democracia e da cidadania presentes no filme.

Construímos juntamente com os alunos um roteiro do filme com vários questionamentos, dúvidas e observações para realização de um seminário a ser feito logo após a apresentação do filme. Em seguida, cada aluno fez uma produção de texto sobre o mesmo.

Todo esse processo demandou tempo, o que na escola tornou-se difícil devido aos horários pré-estabelecidos de outros professores. Passamos por algumas dificuldades, mas foi possível superá-la a partir da participação coletiva dos envolvidos, como profissionais da escola e outros. Os envolvidos se apropriaram da temática, num processo de pertencimento, motivados a realizarem um projeto colaborativo. Os alunos colaboraram expressivamente, dedicando-se, valorizando as ações, envolvendo-se integralmente, de tal forma que tornou-se evidente a elevação da autoestima.

Uma aluna, por exemplo, procurou-me e disse que gostaria de ser redadora, fazendo as anotações do seminário. Ressalto que essa aluna apresentava dificuldades na leitura e na escrita e o projeto foi motivador para que ela buscasse superar essas dificuldades. Sendo assim, considero que a proposta excedeu as expectativas, indo além do ambiente escolar, gerando mudanças nas formas dos sujeitos se perceberem no mundo, numa atitude de valorização de sua identidade. Os envolvidos construíram sentidos para tais ações, e a prática escolar foi significativa, se efetivando como uma proposta emancipadora, em que os sujeitos tornaram-se protagonistas na sua própria construção de conhecimento.

Dessa forma, a turma do 5º buscou, através desse projeto mais uma oportunidade de cumprir com sua missão na sua formação cidadã.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO TEÓRICO E AS QUESTÕES DA VIDA REAL.

“Vista minha pele” consiste em uma paródia da realidade brasileira: um curta-metragem que promove discussões sobre racismo e preconceito social. No documentário, a história oficial é invertida: os negros são de classe dominante e os brancos foram escravizados.

O filme foi lançado em 2003 no Brasil, sob a direção de Joel Zito Araújo, narra a história de Maria, uma menina branca pobre, que estuda em um colégio particular graças à bolsa-de-

estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira na escola. A maioria de seus colegas, que são negros e ricos hostiliza-a, por sua cor e por sua condição social, exceto sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Maria quer ser “Miss Festa Junina” da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a predominância da supremacia racial negra, até a resistência de seus pais, a aversão dos colegas e a dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria eram pobres. Maria tem em Luana uma forte aliada e as duas vão se envolver em uma série de aventuras para alcançar seus objetivos.

Optamos por utilizar a narrativa fílmica no decorrer dessa análise porque elas oferecem a oportunidade de conhecer outra lógica de produção da história, que questione o modo linear de transmissão de conteúdos preestabelecidos pelos padrões eurocêntricos, ainda predominantes em nossa realidade educacional. Nesse sentido, conhecer outras formas de saber, outras formas de ser e de existir dos sujeitos históricos, sociais e culturais, é imprescindível para possibilitar outras abordagens de conhecimento sobre a História da África e das relações étnico-raciais no Brasil.

3.2 CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

As discussões que se originaram durante a elaboração dessa análise da prática pedagógica foram suscitadas ora por uma cena do filme exibido, ora por muitos debates fomentados pelo tema. É visível que as imagens fílmicas verbalizem seus sentimentos e suas concepções em relação à efetivação da Lei 10.639/2003. Nesse contexto, compreendemos que as novas diretrizes exigem dos profissionais da educação a mobilização, desconstrução de noções e de concepções apreendidas durante a formação escolar, além de enfrentar os preconceitos e o racismo fora dos muros escolares.

Luana, em *Vista a Minha Pele*, é uma menina branca que vive em uma sociedade em que os padrões estéticos, sociais e culturais negros levam os espectadores a empreenderem junto com Luana, uma luta por um país mais igualitário, em que brancos negros e indígenas tenham os mesmos direitos independente de sua raça ou etnia.

Pode-se dizer que a principal característica que define os protagonistas dos filmes é a capacidade de lutar, de compreender qualquer jornada em nome daquilo que acredita, por mais difícil que seja. Foi nesse processo de identificação com os personagens do filme que podemos pensar nas suas subjetividades e seus posicionamentos sociais, verbalizando crenças, valores, medos, alegrias e limitações. Esse envolvimento leva-nos a problematizar seus posicionamentos referentes ao trato das questões étnico-raciais. Para combater o racismo nas escolas, introduzido pelas teorias racistas, e aplicadas de forma implícitas.

É evidente que a centralidade do discurso do branqueamento construído pelas elites brasileiras na passagem do século XIX para o século XX, quando as elites políticas brasileiras acreditaram ser possível branquear a população promovendo a imigração europeia e supondo que, num processo de mestiçagem, fossem prevalecer as características da “raça branca”. Com a ideologia do branqueamento, o critério da branquidade estabeleceu-se como norma e padrão de comportamento no Brasil, com efeitos perversos sobre a cultura e as identidades negras.

É muito importante ressaltar que existiu e existe uma trama para embranquecer a sociedade brasileira. Um dos modos de fazer isto é fazer o negro pensar como branco. É preciso desfazer esta forma de pensar para podermos descobrir como e onde se dá a discriminação e o preconceito racial principalmente nas escolas.

Nesse contexto, a escola como uma instituição social importante no processo de socialização do indivíduo e um espaço que agrega múltiplas relações, pronuncia o discurso que não existem tratamentos diferenciados, não existem preconceitos e discriminações em seu interior. Com o discurso da democracia racial a escola também contribui para camuflar o racismo e encobrir as desigualdades e os conflitos étnico-raciais na sociedade brasileira. E destaco que algumas escolas já estão repensando esse discurso e mudando suas atitudes diante das desigualdades sociais, do racismo e da discriminação.

Também Nilma Lino Gomes (2010, p.2) salienta a diversidade e complexidade da construção das identidades negras. De acordo com a autora:

Como toda a identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa

torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social (GOMES, 2010, p.2).

Alguns teóricos dos Estudos Culturais que têm estudado a construção da identidade e diferença, têm criticado, particularmente, a forma como a diferença étnicoracial tem sido tratada na educação a partir da abordagem multiculturalista.

O conceito de pedagogias culturais, conforme articulado pelos teóricos do campo dos Estudos Culturais, é também de fundamental importância na análise do filme “Vista Minha Pele”. De acordo com Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14):

[...]a expressão “pedagogia cultural” diz respeito aos artefatos culturais que não têm originalmente uma intenção educativa, mas que, ao veicularem representações e situações apresentadas como modelares, tem efeitos na formação de sujeitos, incluindo bibliotecas, programas de televisão, filmes, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, literatura, entre outros.

De acordo com Maria Lúcia Castagna Wortmann (2010), o conceito de pedagogia cultural:

[...] amplia a noção de pedagogia, permitindo que se entenda melhor como o trabalho que ocorre nas escolas (e em outros locais convencionalmente pensados como educacionais) está articulado a outras formas de trabalho cultural. Além disso, tem-nos permitido compreender, também, como essas outras formas de trabalhos e instâncias culturais atuam em uma dimensão pedagógica [...]. (WORTMANN, 2010, p. 1)

Neste sentido, pode-se afirmar que os textos culturais estão imbricados em relações de poder que convocam seus leitores a assumirem posições de sujeito, mesmo que não tenham essa intenção explícita. Portanto, os mais diversos artefatos culturais, entre eles o cinema, disseminam, fazem circular pedagogias culturais e possuem um efeito formativo sobre os sujeitos.

O que vivenciamos no filme Vista a Minha Pele é resultado de um longo processo de lutas e enfrentamentos da questão racial promovido pelos Movimentos Negros e todos os cidadãos que lutam para que aconteça o rompimento de ideias e valores que excluam a história e a participação do povo africano da formação da cultura brasileira.

4. ANÁLISE E REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

4.1 ENSINAR ATRAVÉS DA ESTRATÉGIA DE INVERSÃO E DO CONTRASTE BINÁRIO (NEGROS X BRANCOS)

Dentre as reflexões necessárias sobre as relações étnico-raciais no ensino fundamental um marco legal indispensável para se pensar são as ações afirmativas e as propostas de mudanças nas práticas pedagógicas.

Desde a promulgação dessa lei Nº 10.639/2003 que norteia as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, é possível pensar na construção de uma escola que contemple a discussão sobre o tema e abomine todas as formas de preconceito. O momento é de fazer, não apenas a discussão do diferente nas diferenças, mas chegou a hora de colocarmos na prática e de nos posicionar perante ao processo de identidade.

Segundo Santos (2007), discutir com clareza como percebemos o outro e de que maneira lidamos com a diferença do outro, nos ajuda a observar e repensar nossos valores e possíveis preconceitos, como olhar a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. A referida autora relata que:

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionar com aquilo que é diferente de nós; a dialogar com as diferenças, pois é a partir desse diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos. (SANTOS, 2007, p. 15-16).

A princípio a proposta pedagógica pareceu-me uma atividade simples, com menos complexidade, à medida que ia desenvolvendo o projeto percebi como o preconceito racial está enraizado no inconsciente coletivo. Essa aferição foi visível pelas ponderações dos alunos. Aluno 1: O que significa ser “branco” no Brasil? Aluno 2: Quais as dificuldades étnico-racial presente nas escolas? Aluno 3: O que podemos fazer para combater atitudes preconceituosas e discriminatórias dentro da nossa escola? Aluno 4: Como eram as relações de poder no filme? E na vida real da sociedade brasileira? Aluno 5: Acho que desde pequenos os alunos tem que ser educados a tratarem todos iguais? Aluno 6: É educado mostrar que assim como o negro sofre racismo na sociedade o branco passa por essa experiência também?

Nesse sentido, não podemos esquecer que o filme “Vista Minha Pele” foi produzido no contexto das políticas de afirmação do negro no Brasil.

A trama do filme tem três personagens centrais: uma adolescente branca, Maria, que pela primeira vez decide participar do concurso Miss Festa Junina realizado na escola particular que ela frequenta, e duas adolescentes negras, ambas colegas de Maria na escola. Uma delas, Luana, sua melhor amiga, incentivará Maria a participar do concurso de Miss Festa Junina. A outra adolescente negra, Suely, que já vencera várias vezes o concurso, manifestará atitudes intolerantes e racistas em relação à Maria e à sua iniciativa de participar deste concurso. Em suma, o concurso faz parte de um enredo criado pelo diretor Joel Zito Araújo para salientar as desigualdades sociais e étnicoraciais na sociedade brasileira. Nesse sentido, a candidatura da aluna branca (Maria) representa um desafio à estrutura étnico-racial dominante, em que, frequentemente, os vencedores dos concursos pertencem à etnia hegemônica.

Conforme o próprio título, no filme Vista Minha Pele, a ideia é que o (a) espectador (a), independentemente de sua posição étnico-racial, vista a pele do “Outro”, visualize e sinta o racismo e os estereótipos étnico-raciais que marcam o cotidiano do negro na sociedade brasileira. O filme trata também da construção das identidades étnico-raciais e apresenta uma narrativa polarizada e dicotômica dessas relações.

A partir da lógica da inversão étnico-racial, Joel Zito constrói a família da adolescente negra Maria morando em um apartamento bem decorado e onde os personagens negros se vestem elegantemente, eles são a maioria na mídia escrita e televisiva, os professores da escola e os estudantes são também majoritariamente negros. Nessa inversão, Joel Zito constrói as identidades étnico-raciais de forma dicotomizada, expressando a compreensão de uma sociedade brasileira invertida, na qual os negros são os personagens dominantes e os brancos os subalternos.

A primeira cena do filme apresenta a personagem Luana (negra), amiga de Maria (branca), falando ao telefone, sentada em sua cama, no seu quarto, folheando uma revista. A decoração de seu quarto é marcada pela presença de objetos e brinquedos negros, sinalizando uma cultura negra hegemônica.

A sequência mostra a adolescente branca Maria, também em seu quarto, conversando ao telefone com a amiga Luana. Maria usa tranças no cabelo, como sua amiga negra, e seu quarto também está decorado com ícones que exibem atores, atrizes e cantores negros, além de bonecas e ursinhos negros, sinalizando a reprodução do padrão cultural dominante. Nesse sentido, a protagonista branca parece assimilar, mesmo que parcialmente, a cultura negra hegemônica.

Outra cena em que o cabelo é novamente tematizado, dentro da contra-estratégia do preconceito invertido, é quando Suely encontra Maria na escola e interpela Maria sobre seu cabelo de forma pejorativa. Segurando o cabelo de Maria, Suely pergunta: “[...] É seu cabelo mesmo ou é cabelo de plástico?”. E continua “não se desespere, cabelo escorrido tem solução. Você não se enxerga! Você não tem a menor chance!”.

Nilma Lino Gomes, em sua tese de doutorado sobre cabelo e identidade negra, afirma que o cabelo tem um papel de destaque na construção da identidade dos afrodescendentes e que as tranças fazem parte de uma estética negra, marca importante das identidades negras. A autora aponta, ainda, que a peculiaridade da formação étnica brasileira, marcada por forte miscigenação e por estratégias de branqueamento, criou uma classificação baseada em um degradé de cores que se aplica também aos cabelos, que vão do liso ao crespo e, simbolicamente, do bom ao ruim.

De acordo com a autora, “é na cultura que se aprende a classificar e hierarquizar o corpo: bonito, feio, lábios grossos, lábios finos, cabelo liso, cabelo crespo” (GOMES, 2006), ou seja, a beleza é uma categoria culturalmente aprendida e, conforme GOMES:

[...] o conceito de “beleza negra” é “gestada no interior da comunidade negra, na tentativa de devolver ao negro brasileiro, que vive o aqui e o agora, o status de humanidade roubado desde os tempos da escravidão” (GOMES, 2006, p. 299).

No entanto, nas falas em que a adolescente negra se refere ao cabelo da adolescente branca, não há nenhuma referência que permita o entendimento de que a beleza é uma construção cultural e a impressão que o espectador fica é de que a beleza é universal, natural, intrínseca. Vale destacar ainda, que o padrão de beleza dominante na sociedade brasileira possui um viés eurocêntrico, que também não foi problematizado.

Outra cena do filme mostra Maria assistindo à televisão em seu quarto e os atores e atrizes que aparecem na tela são todos negros. Nesse contexto, a personagem questiona-se: “Será que um dia vou ver na mídia pessoas brancas como eu?”.

Vale destacar que o diretor Joel Zito produziu uma obra importante sobre esse tema onde fez um mapeamento dos personagens e atores negros nas telenovelas brasileiras. O autor apurou que mais de um terço das telenovelas produzidas no Brasil não apresentam nenhum ator negro. Araújo observou que:

[...] nas novelas em que existiram atores negros, esses apareceram em papéis de pessoas subalternas. Dentre os papéis mais oferecidos aos negros nas telenovelas estão os de empregadas e empregados domésticos, copeiros, motoristas, bem como papéis de marginais, bandidos e malandros (Araújo, 2007, p. 64- 65).

Também a psicóloga Maria Aparecida Silva Bento, em seu livro *Cidadania em Preto e Branco*, coloca que:

[...]os meios de comunicação têm estimulado sobremaneira o preconceito em nossa sociedade. Tanto os seriados nacionais quanto os estrangeiros raramente trazem negros em papéis importantes. (BENTO, 1999, p. 40).

Nesse sentido, a fala da personagem Maria se refere a um dos traços culturais mais marcantes do racismo brasileiro, que é a ausência ou sub-representação de sujeitos negros na mídia.

Em outro momento, Maria conversa com a mãe sobre o concurso de Miss Festa Junina e comenta que: “nenhuma garota branca ganhou o concurso na escola”, uma clara referência do diretor à discriminação contra os negros em concursos de beleza. A mãe incentiva a participação da filha no concurso e diz que os votos são para serem vendidos e que tem esperança que a filha faça a diferença neste concurso.

Se, de um lado, o concurso de Miss Festa Junina, foco do enredo do diretor Joel Zito, propicia a construção de contra-estratégias às representações racionalizadas do “Outro”, de outro lado, mantém a crítica do racismo no nível pessoal das personagens envolvidas na trama. Neste sentido o filme aponta uma estratégia recorrente utilizada para reversão da negatividade

atribuída aos negros é a utilização de personagens “bons” e “maus”, o que coloca o problema do racismo como resultado de atitudes individuais e não como um discurso que circula e reproduz atitudes racistas.

Numa outra cena, na sala de aula da professora de História do Brasil, Joel Zito se refere, de forma invertida, a algumas representações recorrentes sobre o negro na história oficial do Brasil e nos livros didáticos. A professora de história Janine em uma aula sobre a escravidão explica para seus alunos, majoritariamente negros, que: “os brancos que fugiam eram castigados em praça pública em um espetáculo de barbárie que atraía todo mundo no largo do pelourinho depois da missa do domingo”.

A história oficial do Brasil enfatizou, por muito tempo, o negro como vítima da violência escravista e construiu representações que o associaram a condição de escravo, relegando as populações negras ao estigma da escravidão. A professora continua sua aula mostrando aquarelas do artista viajante francês Debret e perguntando: “O que nós podemos ver? Podemos ver que não só os escravos eram brancos, mas que os carrascos também eram brancos, o que mostra como os escravos eram desunidos e mais facilmente dominados”.

Essa é uma referência invertida à noção recorrente que circulou e ainda circula nos livros de História do Brasil de que o insucesso das rebeliões escravas no Brasil foi resultado da desunião entre as diferentes nações de escravos africanos. Delton Aparecido Felipe e Teresa Kazuko Teruya (2009 p.19) em estudo sobre o uso da linguagem fílmica na história afro-brasileira afirmam:

[...] que a História do Brasil que têm sido ensinada nas escolas foi elaborada exclusivamente a partir da visão europeia, e eurocêntrica, porque as outras matrizes de conhecimento e outras experiências históricas e culturais não tem sido contempladas (DELTON E TERUYA, 2009. P.19)

De acordo com os autores, “os livros didáticos e outras produções bibliográficas ignoram a participação de africanos e afro-brasileiros na construção intelectual e material do país”, negando ou sub-representando uma parcela significativa da população, que na atualidade corresponde a mais de cinquenta por cento (50%) da população brasileira.

Em outra cena, a aluna Suely (negra) diz para sua colega Maria (branca) que: “se fosse naquele tempo, pediria para seu pai comprar ela e iria chicotear tanto que teria que dormir de bruços.” Maria revida dizendo que com sua turma iria “descer o pau neles”. Vários autores destacaram que a troca de agressões verbais (xingamentos) entre adolescentes brancos e negros na sala de aula é uma das marcas do racismo na escola.

Henrique Cunha Junior (2008, p. 229) aponta que:

[...] xingamentos e agressões diversas contra afrodescendentes “fazem parte do cotidiano escolar e têm sido tratados como fatos de pouca importância pelos professores, administradores escolares, conselhos escolares, associações de pais e mestres e órgãos das secretarias de educação.” (HENRIQUE JUNIOR, 2008, p.229)

Para o autor, a evasão escolar e baixos aproveitamentos, ou ainda, “os desconfortos e constrangimentos dos afrodescendentes nas escolas está relacionada com os procedimentos de xingamentos, piadas e ações de fundo racista”.

Uma outra cena em que Joel Zito produz a representação de docentes em sala de aula retrata a aula do professor de Matemática, que solicita a participação da turma para uma pergunta: “Que cálculo a gente tem que usar agora para resolver essa expressão?”. O Professor questiona “E aí turma. alguém?”. A turma silencia. O professor se refere à Maria. “Então Maria não temos o dia inteiro”. A colega Suely vira-se para Maria e pergunta: “o gato comeu sua língua?” O professor pergunta a Maria se ela entendeu a pergunta. Maria pede desculpas ao professor e diz que esqueceu. O professor pergunta se Maria alimentou pela manhã. Maria não responde, e o professor pensa: “que difícil, que pena dessas crianças brancas, quanta dificuldade para aprender meu Deus, elas tinham que se esforçar mais, também as famílias não ajudam, que eu posso fazer, me corta o coração ver essa garota assim, mas ela precisa se esforçar”.

Nilma lino Gomes (2002 p.40) coloca que:

[...] no ambiente escolar, “a diferença racial é transformada em deficiência e justificada por meio de um olhar que isola o negro dentro das condições socioeconômicas que incidem, de modo geral, sobre a classe trabalhadora brasileira.” (GOMES, 2002, p.40-41)

Para Gomes (2002 p. 40-41):

[...] nesses casos, a diferença étnico-racial é justificativa pelo chamado “psicologismo” que “encobre o caráter excludente da estrutura escolar brasileira, dando margem para que a diferença cultural da aprendizagem seja vista como um desvio”. (GOMES, 2002, p.40-41)

A autora exemplifica dizendo que: Os alunos e as alunas negras, vistos dentro da escola como portadores de “deficiências” ou de “dificuldade de aprendizagem”, fatalmente são rotulados como: “indisciplinados”, “lentos”, “defasados”, “atrasados”.

A estratégia, dita pedagógica, mais comum a ser adotada pelas escolas para “solucionar” esse problema tem sido as “salas projetos”, “salas especiais”, “turmas experimentais”. É possível que o diretor Joel Zito tenha se referido a esse “psicologismo” quando construiu o diálogo entre o professor de Matemática e sua aluna Maria. Pode também ter sido uma forma de chamar a atenção para uma situação muito recorrente nas relações étnico-raciais dominantes, de reduzir a diferença do “Outro” à deficiência.

A questão da evasão escolar volta a ser tematizada em outra cena do filme, que mostra Maria no caminho para escola, percorrendo ruas de um bairro pobre, onde encontra seu amigo José que diz: “[...] Ah, Maria qual é acha que eu sou bobo de querer repetir de novo? Naquela escola só a professora de religião gosta de mim [...]” Maria questiona José: “Mas que futuro a gente vai ter sem um diploma na mão?” José responde que depois fará um cursinho de 45 dias. Novamente observa-se a presença da contra-estratégia da reversão, agora referindo-se à evasão escolar.

O tema da evasão escolar e sua articulação com a questão étnico-racial tem sido apontada em vários estudos. Maria Aparecida Silva Bento (1999 p. 44) Coloca:

[...] que o preconceito e a discriminação racial presentes no sistema escolar podem levar: “a criança negra a não se reconhecer no espaço escolar e esse fato influenciar no aumento dos índices de evasão escolar de negros”. (BENTO, 1999, p. 44)

De acordo com Maria Aparecida Silva Bento, a não representação do “Outro” no cotidiano das escolas implica na baixa auto-estima dos alunos (as) negros (as) e é um dos fatores que explica o alto índice de abandono das crianças e adolescentes negros da escola básica.

[...] essa história nos conta que a escola esteve sempre envolvida com a formação de determinado tipo de pessoas, o que hoje poderíamos chamar de identidades sociais”
(BENTO, 1999, p. 40)

Por fim, o filme parece ensinar, através da estratégia da inversão e dos contrastes binários (negros x brancos), que as desigualdades étnico-raciais no Brasil ainda estão associadas à cor da pele e a condição social. O filme encaminha-se na direção de que apesar das desigualdades étnico-raciais, dos preconceitos e da discriminação vale a pena enfrentar essas dificuldades e lutar para superá-las. No sentido de se questionar as múltiplas formas possíveis de se viver a negritude, poderia ter sido tensionada a posição de vítima em que muitas vezes é representada a protagonista branca Maria.

O filme ensina, particularmente pelas atitudes da personagem e protagonista Maria, que vale a pena enfrentar o racismo e a discriminação e lutar para ampliar seus espaços de participação e representação na sociedade brasileira.

Essa luta é materializada na insistência de Maria em participar do concurso de Miss Festa Junina apesar das condições adversas. No entanto, essa argumentação antirracista pode ficar limitada se for entendida como uma atitude individual e não como resultado de um processo que é social e cultural relacionado às disputas dos sujeitos nas políticas de identidades. Portanto, a partir dos Estudos Culturais em Educação, o que parece estar em jogo nessa narrativa fílmica é a disputa de representação, bem como a participação igualitária dos negros (as) na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um lado, destaca-se que a estratégia da inversão de papéis étnico-raciais, utilizada pelo diretor Joel Zito no filme “Vista a Minha Pele”, contribui para a identificação do racismo, dos estereótipos e da discriminação racial presentes nas mais variadas situações cotidianas da sociedade brasileira. De outro lado, o filme traz para o âmbito da escola, a importante discussão das relações étnico-raciais e do racismo na sociedade brasileira, até pouco tempo silenciados pela força da noção de que o Brasil é uma democracia racial.

Todavia, consideramos importante que o uso de narrativas fílmicas como instrumento pedagógico possa ampliar o universo da análise das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, indo além da simples reversão ou substituição de imagens e significados. Nesse sentido, sugere-se que as práticas pedagógicas vinculadas ao uso do cinema como instrumento de questionamento das relações étnico-raciais na escola, se constitua como um espaço de discussão dos diferentes sujeitos e de seus múltiplos pertencimentos, contemplando assim, a multiplicidade de identidades sociais, étnicas e culturais que compõem a sociedade brasileira.

As narrativas fílmicas dessa proposta pedagógica permitirão que os professores lancem a importância da efetivação do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, assim demandará reflexões, estudos e pesquisas sobre a construção das identidades sociais e quais os discursos que as envolvem. A questão étnico-racial é contemplada pela constituição cidadã e aponta para uma luta contínua no combate à desigualdade racial e uma nova agenda na construção da identidade social afirmativa do negro brasileiro. Uma leitura que visa a valorizar os aspectos sociais e culturais da história do negro no Brasil deve compreender como ocorre a construção do conhecimento histórico e como as nossas subjetividades são formadas. A partir dessas percepções podemos solicitar de nossos professores e de nossos alunos examinarem suas interações sociais e como essa considera o “outro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus Editora, 2000.

ARAÚJO, Joel Zito. A Estética do Racismo. In: RAMOS, Silva. (Org). *Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

ASSMAN, H. *Reencantar a educação, rumo a sociedade aprendente*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. BORGES, T. M. M. *Ensinando sem silabar*. Campinas: Papirus Editora, 1998.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BORIN, J. *Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de Matemática*. São Paulo: IME-USP, 1996.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Editora. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil: conhecimento de mundo*. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana*. Brasília: MEC/CNE, 2004.

COSTA, R. A. B; GONÇALVES, T. O. Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 64, set., 2006.

CUNHA JUNIOR, Henrique. A história africana e os elementos básicos para seu ensino. IN: LIMA, Ivan Costa (org). Negros e currículo. Florianópolis - SC: NEN, 1998. (Pensamento negro em educação, n. 2)

CUNHA Jr, Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Souza; Cunha Jr., Henrique (org.). Educação e Afrodescendência no Brasil. Fortaleza: UFC, 2008.

CRUZ, M. N. da; FONTANA, R. A. C. *Psicologia e trabalho pedagógico: o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil da criança*. São Paulo: Atual Editora, 1997.

DINIZ, M.I; CÂNDIDO, P; SMOLE, K.S. *Jogos de Matemática. De 1ª a 5ª ano*. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Cadernos do Mathema).

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1996. (Paz e Terra).

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).

GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha Gonçalves. (Orgs.) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOMES, Nilma Nilo. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/showprod.php?id=243> .Acesso em 22.07.2013.

INSTITUTO ETHOS. *Indicadores Ethos de Responsabilidade Social e Empresarial*. São Paulo: Instituto Ethos, 2007.

INSTITUTO ETHOS. *Indicadores Ethos de Responsabilidade Social e Empresarial*. São Paulo: Instituto Ethos, 2007.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogias da racionalização ou dos modos como se aprende “ter” raça e/ou cor. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana. (Orgs.) Pedagogias sem fronteiras. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

LEI 10639, 9 DE JANEIRO DE 2003. *Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.* Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. v. 2.* Brasília: MEC/ SEF, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais. 3. ed. v. 4.* Brasília: MEC/ SEF, 2001.

SANTOS, B. de S. Por uma concepção multicultural de Direitos Humanos. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, jun./1997. p.11-32.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica.* São Paulo: Cosac Naify, 2006. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SILVA, Maria José Lopes. As exclusões e a educação. In: TRINDADE. Azoilda Loretto da , SANTOS. Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola.* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 140.

SOARES, M. *Letramento: tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora.* São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STEINBERG, Shirley R.; *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VOGT, Carlos. Políticas de afirmação do negro no Brasil. Revista Pesquisa Fapesp. Edição 94, dezembro de 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia. Pedagogias, cultura e mídia: algumas tendências, estudos e perspectivas. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana. (Orgs.) Pedagogias sem fronteiras. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

ZABALA, A. *As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. A prática educativa: como ensinar*. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz da. Interloquções sobre estudos afro-brasileiros: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio 77 cultural afro-brasileiro. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, pp. 130-140, Jan/Abri 2012.